

Οὐκ τέχνη ἐστὶν ῥητορικὴ: Sexto Empírico e a crise da retórica no Império Romano

*Οὐκ τέχνη ἐστὶν ῥητορικὴ: Sextus and the
rhetorical crisis in the Roman Empire*

Fábio da Silva Fortes*

Resumo: A refutação da retórica no âmbito do ceticismo pirrônico tardio, possui razões filosóficas razoavelmente bem mapeadas na literatura. Neste artigo, apresentamos, porém, uma leitura através de um prisma diverso: buscamos apresentar no âmbito da própria retórica, enquanto prática cultural e educativa consolidada no Império Romano, aspectos que apontavam para a crise da qual Sexto Empírico seria um notável representante. Para isso, avaliaremos posições presentes nas obras de Sêneca, o velho, Quintiliano, Tácito e Filóstrato, como contraponto à posição de Sexto Empírico, em *Contra os retóricos*.

Abstract: The refutation of Rhetorics under the late Pyrrhonic Ceticism has been extensively explained in literature. In this article, however, we present a different point of view regarding this subject: we aim at presenting within Rhetorics itself, taken as an educational and cultural practice in the Roman Empire, some aspects which pointed out the very crisis of which Sextus Empiricus is a remarkable representative. We evaluate positions within Seneca's, Quintilian's and Tacitus's works, confronting them with Sextus Empiricus's *Against the rhetoricians*.

Palavras-chave:

Ceticismo;
Retórica;
Sexto Empírico.

Keywords:

Ceticism;
Rhetorics;
Sextus Empiricus.

Recebido em: 30/08/2014
Aprovado em: 03/10/2014

* Professor Adjunto de Latim e Grego Clássico da FALE/UFJF. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da UFJF.

Assim, se a retórica não está preocupada com o benefício, mas com o prejuízo, além de não ser uma arte, ela será ainda um artifício pernicioso. E, de fato, já estabelecemos que mascara a si própria no mais prejudicial discurso; então ela não é uma arte (Sexto Empírico, *Adv. rhet.*, 49-50).¹

Parecem bastante assertivas e incisivas as palavras de Sexto Empírico, em epígrafe, sobretudo para um filósofo cético. Recapitulando o argumento clássico dos filósofos acadêmicos, que consideraram a retórica, ao menos desde o *Górgias*, de Platão, como um discurso nefasto aos cidadãos e à πόλις, por falsear a verdade,² dobrar as leis a favor de causas até mesmo contraditórias, e, por essa razão, ser afeita à injustiça,³ Sexto parece também motivado a desqualificar a retórica também enquanto uma técnica, por não configurar um objeto ou uma finalidade estáveis,⁴ sem eficácia na produção de um aprendizado e incapaz de resultar em um produto útil.⁵

A refutação da retórica – no âmbito da crítica apresentada por Sexto a outras τέχναι – possui razões filosóficas razoavelmente bem mapeadas no quadro do ceticismo pirrônico tardio, desenvolvido no século II d.C., nas partes gregas do Império Romano (JANÁČEK, 1990; MATES, 1996; PELLEGRIN, 2002; DESBORDES, 2007; BRITO, 2014). Neste texto, tentarei, no entanto, apresentar uma leitura do *Contra os retóricos* através de um prisma diverso: buscarei encontrar, no âmbito da retórica, enquanto prática cultural e educativa consolidada no Império Romano, aspectos que apontavam para a crise da

¹ Esclarecemos, aqui, que todas as citações de Sexto Empírico deste trabalho foram tiradas da tradução de Huguenin & Brito (2013). Para os demais autores, antigos e modernos, salvo indicações em notas, as traduções são de nossa autoria.

² Sexto Empírico, *Adv. Math.* [AM], II, 67: “E, se assim for, a Retórica será o conhecimento das coisas verdadeiras e das falsas. Mas certamente assim não é; tendo em vista que a Retórica não tem o evidentemente verdadeiro como seu objeto. Além disso, ela professa advogar causas opostas, mas opostos não são ambos verdadeiros; portanto, a Retórica não objetiva à verdade.”

³ AM, II, 31: “Ademais, ela [a retórica] não é útil para as cidades, pois são as leis que mantêm as cidades unidas, e, assim como alma perece quando o corpo perece, também as cidades são destruídas quando as leis são abolidas”. Mais adiante, em AM II, 34: “Mas a retórica foi colocada em oposição às leis”.

⁴ AM, II, 14-15: “Mas ela não tem fim sempre estável (pois nem sempre evita que seja injuriado pelos oponentes, e algumas vezes o retórico propõe um fim, mas encontra um fim diferente como resultado). AM, II, 48: “Depois disso, e a partir da matéria acerca da qual ela trata, examinemos a sua inconsistência. A suma do nosso argumento, de fato, foi dada anteriormente, no nosso tratado *Contra os gramáticos*, pois, se a Gramática trata realmente do discurso, mas nem a palavra é algo determinado e nem o discurso, por sua vez, se compõe de palavras, conforme demonstramos, por ser indeterminado aquilo cujas partes não são determinadas, seguir-se-á que a Retórica também possui inconsistência”.

⁵ AM, II, 10: “Toda arte é ‘um sistema composto por apreensões exercidas em conjunto e dirigidas a um fim útil para a vida’. Mas, como estabeleceremos, a Retórica não é um sistema de apreensões, portanto, a retórica não é uma arte.”

qual Sexto Empírico seria uma espécie de espelho. Sem discutir as razões propriamente filosóficas que determinam e condicionam o posicionamento de Sexto contra as τέχναι, em geral, e contra a retórica, em particular, pretendo aqui contribuir com razões que precedem o próprio ceticismo sextiano, que se relacionam à crise decorrente de certo esvaziamento da retórica, cuja prática, a partir do século I d.C., ter-se-ia reduzido, segundo testemunho de mestres de retórica e sofistas, a exercícios declamatórios afastados da realidade, os προγυμνάσματα/*declamationes*. Para isso, apresentaremos alguns apontamentos de como a retórica se consolidou como uma prática cultural no Império Greco-Romano⁶ e como sua “decadência” é percebida em diferentes autores gregos e latinos após o século I a.C., tais como Sêneca, o velho, do séc. I a.C., Quintiliano e Tácito, do séc. I d.C., e Filóstrato, do séc. III d.C., contrapondo-os a como Sexto Empírico, em *Contra os retóricos*, contribui para esse debate.

Da Grécia para Roma e de Roma para Grécia: apontamentos sobre a retórica enquanto instituição escolar helenística

Com o avanço da cultura grega pelo Mediterrâneo, possibilitada pelas conquistas de Alexandre e seus sucessores, não somente a língua grega se desenvolveu e se consolidou como “língua comum” (κοινή γλῶττα) em todo o Mediterrâneo oriental, mas também proliferaram outras práticas da cultura grega, entre elas o ensino da gramática e da retórica.⁷

⁶ Com Sánchez-Oztiz *et al.* (2007), estamos assumindo que, após o período helenístico, o encontro entre Grécia e Roma suscitou “não somente um caso único de multiculturalidade, mas também, além disso, um exemplo bem sucedido de interculturalismo e enriquecimento mútuo”. Com efeito, embora haja muitos estudos que apontem as constantes inflexões gregas no contexto latino, o que justificaria, por si só, o epíteto de “greco-romano”, ao “império” que se constituiria logo após o século I da nossa era (VEYNE, 2009), assumimos a possibilidade de que essa interrelação tenha ocorrido nas duas vias. Além disso, é preciso lembrar que Sexto Empírico, embora tenha vivido e produzido em grego, vivia sob o domínio do já consolidado “Império Romano”, no século II d.C. Um episódio anedótico, narrado por Estrabão (V, p. 232 *apud* VEYNE, 2009, p. 84), revela que não somente do ponto de vista romano, mas também grego, a relação identitária entre e Grécia e Roma era já dada como certa no mundo antigo. Narra o historiador que, por volta do longínquo ano de 300 a.C., o poderoso rei grego Demétrio Poliocerte teria dado uma lição aos romanos, ao devolver os barcos romanos piratas, dizendo que, por serem aparentados aos gregos, tendo erguido até mesmo em seu fórum um templo a Cástor, divindade grega protetora das embarcações, os romanos da pequena cidade de Âncio deveriam comportar-se como pessoas civilizadas, que não pirateiam.

⁷ Conforme Vanderspoel (2007, p. 127): “As Greek became the most important language of communication between the different parts of Hellenistic world, instruction in the language became a

Como consequência dessa expansão, o estudo dessas disciplinas generalizou-se no mundo grego, consolidando um modelo educativo, no qual os gramáticos ofereciam os elementos principais da *paideia* grega, através da leitura e comentário dos textos considerados canônicos, basicamente de Homero, enquanto os mestres de retórica ofereciam treinamento mais avançado, oferecendo as técnicas para o uso persuasivo da linguagem em contextos de relevância (VANDERSPOEL, 2007, p. 128; HOLTZ, 2010, p. 5), no mais das vezes, em contextos institucionais, judiciários e políticos.

A retórica, assim como outras τέχναι e a própria filosofia, foram, durante esse período, introduzidas em Roma, fato que assegurou a sua preservação e a continuidade dessa tradição escolar no Ocidente latino, consolidando esse modelo de formação fortemente assentado nas práticas de habilidades discursivas diversas, possibilitadas pelo ensino de gramática e retórica.⁸

Com Holtz (2010, p. 3), podemos afirmar que, ao menos até o século IV d.C., com o florescimento dos gramáticos romanos e a acentuação das diferenças culturais e político-sociais entre o Ocidente e o Oriente, "as duas partes do império tinham em comum não somente uma mesma história política e institucional, mas também uma mesma história intelectual",⁹ fortemente assentada sobre a tradição escolar de cunho retórico-gramatical herdado do período alexandrino. Entretanto, em que pese o compartilhamento de uma mesma tradição escolar, e a adesão, por vezes manifesta, por outras vezes tácita, da convivência das duas culturas em Roma,¹⁰ a introdução das artes gregas em solo romano fez-se não sem qualquer crítica.

necessity for those who had not known it previously (...). In order for elites of different regions to be able to communicate with each other, a common educational system began to develop. The goal was to inculcate, in new generations of students, a familiarity with *paideia*, often defined as the Greek heritage, including its moral, social and political values, and sometimes simply as Greek 'culture'. [À medida que o grego se tornou a mais importante língua de comunicação entre diferentes partes do mundo helenístico, o ensino nessa língua se tornou uma necessidade para aqueles que não a conheciam previamente (...). A fim de que as elites de diferentes regiões pudessem se comunicar entre si, um sistema de educação comum começou a se desenvolver. O objetivo era inculcar nas novas gerações de estudantes uma familiaridade com a *paideia*, frequentemente definida como uma herança grega, incluindo seus valores morais, sociais e políticos; mas às vezes simplesmente definida como 'cultura grega']".

⁸ Law (1987, p. 11): "it was to this end, mastery of language, that the whole Roman education was directed" ("era para esse fim, o domínio da linguagem, que toda a educação romana estava direcionada").

⁹ Cf. "Et jusqu'à la fin du siècle où vivait Donat, les deux parties de l'Empire ont en commun non seulement une même histoire politique et institutionnelle, mais aussi une même histoire intellectuelle."

¹⁰ Cícero, por exemplo, em sua vasta obra, permite-nos lançar um olhar sobre essa questão. No intuito de forjar um vocabulário técnico e filosófico latino (*itaque mihi videris Latine docere philosophiam et ei quasi civitatem dare* - "assim, parece-me ensinar a filosofia a falar latim como se fosse oferecê-la à cidade" -

Quanto à instituição da retórica, Suetônio (séc. I d.C.) dá-nos interessante testemunho do quanto, em diferentes momentos, houve uma reação romana, por ocasião de sua “proibição”, em 161 a.C., e depois com a franca desaprovação de sua prática, quando esta já se encontrava instituída e regular enquanto uma prática educacional:

Também a retórica, assim como a gramática, foi recebida tardiamente entre nós, e até mesmo com mais dificuldade, visto que o seu exercício, por vezes, foi proibido. Para que não haja dúvida, citarei um velho *senatusconsultum*, assim como um édito dos censores: “No ano do consulado de Gaio Fanio Estrabão e Marcus Valério Messala, o pretor Marcus Pompônio apresentou uma proposta ao senado. Quanto às discussões que foram feitas sobre os filósofos e mestres de retórica, sobre isso se deliberou que Marcus Pompônio observaria e cuidaria que, de acordo com os interesses da república e sua fidelidade, eles não estariam mais em Roma”. Sobre os mesmos, depois de certo tempo, os censores G. Domício Enobarbo e L. Licínio Crasso promulgaram o seguinte édito: “É de nosso conhecimento que há pessoas que instituíram um novo tipo de disciplina, à qual acorrem os nossos jovens para aprender. Eles deram a si mesmos o nome de rétores latinos. Aí os nossos adolescentes desejam passar o dia todo. Nossos antepassados instituíram aquilo que seus filhos deviam aprender e a quais

Fin. 3, 40), Cícero reflete sobre as interrelações das culturas grega e romana. É o que podemos ver, por exemplo, no prefácio das *Tusculanas* (*Tusc., I, 1*), ao confessar a Bruto ter retornado ao estudo da filosofia, saber ainda incipiente entre os latinos: *Cum defensionum laboribus senatoriisque muneribus aut omino aut magna ex parte essem aliquando liberatus, rettuli me, Brute, te hortante maxime ad ea studia, quae retenta animo, remissa temporibus, longo interuallo intermissa reuocavi, et, cum omnium artium, quae ad rectam uiuendi uiam pertinerent, ratio et disciplina studio sapientiae, quae philosophia dicitur, containeretur, hoc mihi Latinis litteris illustrandum putavi, non quia philosophia Graecis et litteris et doctoribus percipi non posset, sed meum semper iudicium fuit omnia nostros aut inuenisse per se sapientius quam Graecus aut accepta ab illis fecisse meliora, quae quidem digna statuissent quibus elaborarent.* (“Tendo sido liberado, de todo ou em parte, dos encargos da defesa e dos trabalhos senatoriais, retornei, Bruto, por tua máxima exortação, àqueles estudos, que, ainda que tivessem prendido meu interesse, foram deixados de lado por um tempo. Após um longo intervalo esquecidos, chamei-os de volta, e, como todas as artes que são pertinentes ao caminho reto do viver consistem na busca da sabedoria, que os gregos chamam de *philosophia*, julguei que eu também as deveria expor em letras latinas, não porque a filosofia grega não possa ser apreendida com as letras e mestres gregos, mas minha opinião foi sempre a de que, em todas as coisas, os nossos sempre encontraram por si mesmos de forma mais sábia que os gregos, ou aperfeiçoaram as coisas recebidas deles, se as considerassem dignas de nelas se empenharem). Para Cícero, enquanto em outros domínios os latinos superavam os gregos, no campo filosófico, ficavam atrás, motivo pelo qual ele se dedica à tarefa de dar mais brilho à exposição filosófica em língua latina: *Philosophia iacuit usque ad hanc aetatem nec ullum habuit lumen litterarum Latinarum, quae inlustranda et excitanda nobis est* (“A filosofia jazeu por terra até esta nossa época e não teve nenhum brilho nas letras latinas, ela deve ser incitada e ilustrada por nós” – *Tusc. I, 5*). No contexto dessa passagem, Cícero se refere às obras filosóficas em latim compostas por escritores não suficientemente eruditos (sem, curiosamente, sequer citar a obra de Lucrécio).

escolas deveriam ir. Essas novidades, fora do uso e dos costumes dos antigos, não nos agradam, nem nos parecem corretas (Suetônio, *De reth.*, 25, 1, 1-15).¹¹

Também Sexto Empírico nos reporta a argumentação de Critolau e dos filósofos acadêmicos que, justamente, afirmavam a inconveniência da retórica no fato de ela ter sido, nas cidades gregas, instituída com dificuldade e desconfiança, sendo frequentemente banida:

Mas, no entanto, todos os homens, em todos os lugares, caçaram a Retórica por ser muito hostil, tal como, por exemplo, o legislador cretense, que proibiu aqueles que se orgulhavam de sua oratória de se estabelecerem em sua ilha e também o espartano Licurgo, que, tornando-se um admirador de Tales de Creta, introduziu a mesma lei entre os espartanos. E, por isso, muitos anos depois, os éforos puniram um jovem que estudara Retórica [...] (Sexto Empírico, *AM II*, 20-21).

Ecos da resistência à retórica podem também ser encontrados no prólogo do *De inuentione*, obra de juventude de Cícero, onde o orador defende uma fusão da oratória com a filosofia, como alternativa ao treinamento meramente técnico da retórica (CONTE, 1999, p. 186; WINTERBOTTOM, 2006, p. 75).¹²

A obra de Cícero, no entanto, tornar-se-ia o padrão da aplicação exemplar dos princípios retóricos a favor da eloquência.¹³ Depois de Cícero, a consolidação da

¹¹ Cf. *Rhetorica quoque apud nos perinde atque grammatica fere recepta est, paulo etiam difficilior, quippe quam constet nonnunquam etiam prohibitam exerceri. Quod ne cui dubium sit uetus S. C. item censorium edictum subiiciam: C. Fannio Strabone M. Valerio Messala cons. M. Pomponius praetor senatum consuluit. Quod uerba facta sunt de philosophis et rhetoribus, de ea re ita censuerunt, ut N. Pomponius praetor animaduerteret curaretque, ut si ei e re p. fideque sua uideretur, uti Romae ne essent. De eisdem interiecto tempore CN. Domitius Aenobarbus, L. Licinius Crassus censores ita edixerunt: Renuntiatum est nobis, esse homines qui nouum genus disciplinae instituerunt, ad quos inuentus in ludum conueniat; eos sibi nomen imposuisse Latinos rhetoras; ibi homines adolescentulus dies totos desiderare. Maiores nostri, quae liberos suos discere et quos in ludos itare uellent, instituerunt. Haec noua, quae praeter consuetudinem ac morem maiorum fiunt, neque placent neque recta uidentur.*

¹² Com efeito, para Cícero, a eloquência é mais que o domínio técnico da retórica: *De oratore, I, 146: non eloquentiam ex artificio, sed artificium ex eloquentia natum* ("a eloquência não nasce da teoria retórica, mas a retórica nasce da eloquência").

¹³ A esse respeito, fica patente, por exemplo, o enaltecimento que Quintiliano (*Inst. or.*, X, 1, 108-109, 112-113) faz de Cícero, comparado aos maiores oradores gregos: *Nam mihi uidetur M. Tullius, cum se totum ad imitationem Graecorum contulisset, effinxisse uim Demosthenis, copiam Platonis, iucunditatem Isocratis. (...) Cicero iam non hominis nomen sed eloquentiae habeatur. Hunc igitur spectemus, hoc propositum nobis sit exemplum, ille se profecisse sciat cui Cicero ualde placebit.* ("Parece-me, com efeito, que Marco Túlio, como se aplicou inteiramente à imitação dos gregos, logrou externar a força de Demóstenes, a riqueza de Platão e o encantamento de Isócrates (...) Cícero já não deve ser tomado como

disciplina e o desenvolvimento de sua prática, passariam, contudo, a serem vistos como “decadentes”. É o que verificamos, por exemplo, ainda no século I a.C., com o testemunho de Sêneca, o velho (50 a.C-40 d.C), que associa a crise da retórica à decadência moral romana:

Assim, podeis avaliar o quanto os talentos decaem dia após dia, e, não sei por que excessos da natureza, a eloquência andou para trás. Tudo que a eloquência romana teve para se contrapor ou ser preferível aos arrogantes da Grécia, teve seu auge à época de Cícero; todos os talentos, que trouxeram luz aos nossos estudos, nasceram àquela época. Desde então, a cada dia, se degradam, seja pela luxúria dos tempos – nada é tão mortífero aos talentos quanto a luxúria –, seja porque o valor dessa belíssima arte diminuiu, todo empenho foi transferido para atividades torpes em voga, mas que trazem honra e vantagens, seja pelo próprio destino, cuja lei é terrível e eterna para todas as coisas, segundo a qual as coisas que atingem o auge afundam novamente nas baixezas, mais velozes do que quando emergiram (Sêneca, *Controversiae*, I, 6-7).¹⁴

Com a centralização do poder através da figura do *princeps romanus*, a prática da oratória nos moldes republicanos perdeu o seu significado, visto que a função senatorial se tornou diminuta nesse novo contexto, no qual a prática de discursos civicamente engajados – tais como os de Cícero – não tinha mais lugar (LIMA; FREITAS, 2013).

Assim, em lugar da *eloquentia ciceroniana* – na qual se fundiram princípios da τέχνη ῥητορικὴ com elementos oriundos de uma formação cultural e filosófica ampla do orador –, restou apenas uma prática meramente técnica, e, além disso, artificial e deslocada da realidade. Essa prática, inicialmente instaurada na condição de meros exercícios declamatórios (os προγυμνάσματα/*declamationes*), que consistiam, basicamente, na simulação de causas hipotéticas a serem defendidas, usando, muitas vezes, temas mitológicos e literários como matéria, aos poucos se tornou a atividade

o nome de um homem, mas da própria eloquência. Que o observemos, nele tenhamos o exemplo, a quem Cícero for agradável, saiba que terá feito grande progresso”).

¹⁴ Cf. *Deinde, ut possitis aestimare, in quantum cotidie ingenia decrescant et nescio qua iniquitate naturae eloquentia se retro tulerit. quidquid Romana facundia habet, quod insolenti Graeciae aut opponat aut praeferat, circa Ciceronem effloruit; [7] omnia ingenia, quae lucem studiis nostris attulerunt, tunc nata sunt. in deterius deinde cotidie data res est siue luxu temporum, nihil enim tam mortiferum ingeniis quam luxuria est, siue, cum pretium pulcherrimae rei cecidisset, translatum est omne certamen ad turpia multo honore quaestuque uigentia, siue fato quodam, cuius maligna perpetuaque in rebus omnibus lex est, ut ad summum perducta rursus ad infimum uelocius quidem quam ascenderant relabantur.*

principal, senão a única, das escolas de retórica e, como veremos à frente, também da sofística.

Em decorrência desse esvaziamento da retórica, surge, portanto, a sua crítica; justificando-se, desse modo, a insistência de Sexto Empírico para demonstrar a sua nulidade quanto à produção de um resultado útil, e a sua desqualificação enquanto um sistema de apreensões válido e útil (o que, no entanto, seriam outras τέχναι, tal como a medicina (ἰατρική), a navegação (κυβερνητική) ou mesmo a etapa elementar da gramática, responsável pela leitura e escrita, a γραμματιστική). Por outro lado, essa mesma crítica emerge também no discurso dos próprios rétores, entre os quais Tácito e Quintiliano: “Sendo assim, acontece que as declamações têm menos de sangue e de vigor que os discursos, pois nestes existe matéria original; naquelas, a matéria é fictícia” (*Quint. X, 2,12*).¹⁵

Em Tácito, encontramos:

Os antigos tinham se convencido disso: para produzir o discurso, seria necessário não que se praticassem as declamações nas escolas dos rétores, nem que se exercitassem a língua e a voz por meio de controvérsias imaginárias que se assemelham à verdade, mas que se preenchessem as mentes com essas artes, nas quais se discutem o bem e o mal, o honesto e o torpe, o justo e o injusto: tal é a matéria da oratória. [...] No entanto, hoje nossos jovens são levados para as escolas desses que se intitulam mestres de retórica. Eles apareceram pouco antes da época de Cícero e não obtiveram a aprovação dos nossos antepassados, como fica claro com o fato de que lhes foi ordenado, pelos censores Crasso e Domício, que se fechassem, como diz Cícero, essas “escolas da pouca vergonha”. [...] Convém saber, com efeito, que os mestres de retórica lidavam com dois gêneros do discurso: as suasórias e as controvérsias. Destas, as suasórias eram delegadas às crianças, visto que eram francamente mais fáceis e menos exigentes de prudência. Aos mais velhos, eram assinaladas as controvérsias – as quais, sinceramente, como eram compostas de forma estranha! – assim como a matéria tratada era tão distante da verdade, ajuntava-se a isso também a declamação (Tácito, *Dialogus*, 31,1; 35, 1-2; 35, 4-5).¹⁶

¹⁵ Tradução de Antônio Martinez de Rezende (2010, p. 235).

¹⁶ Cf. *Hoc sibi illi ueteres persuaserant, ad hoc efficiendum intellegebant opus esse, non ut in rhetorum scholis declamarent, nec ut fictis nec ullo modo ad ueritatem accedentibus controuersiis linguam modo et uocem exercerent, sed ut iis artibus pectus implerent, in quibus de bonis et malis, de honesto et turpi, de iusto et iniusto disputatur; haec enim est oratori subiecta ad dicendum materia. (...) At nunc adulescentuli nostri deducuntur in scholas istorum, qui rhetores uocantur, quos paulo ante Ciceronis tempora extitisse nec placuisse maioribus nostris ex eo manifestum est, quod a Crasso et Domitio censoribus claudere, ut ait Cicero, "ludum impudentiae" iussi sunt. (...) Nempe enim duo genera materiarum apud rhetoras tractantur, suasoriae et controversiae. Ex his suasoriae quidem etsi tamquam plane leuiore et minus prudentiae exigentes pueris delegantur, controversiae robustioribus adsignantur, — quales, per fidem, et*

Em suma, como nos aponta Myers (2006, p. 440)

Tácito e Quintiliano olhando para trás, a partir do final do primeiro século da nossa era, citam a renovada importância atribuída à declamação pública, como a razão para o declínio em Roma da oratória e da eloquência. A declamação (produzindo discursos artificiais e exercícios sobre um determinado tema) não era nova, mas no império, à medida que as oportunidades para a livre expressão das ideias políticas da elite diminuíram, sua popularidade cresceu muito, enquanto um veículo alternativo para retórica, à luz da mudança das circunstâncias políticas.¹⁷

Sexto Empírico: ceticismo e negação da retórica

Conforme vimos no último item, no contexto romano, as críticas à retórica, realizadas no discurso de Sêneca, o velho (séc. I a.C.), Tácito (séc. I d.C.) e Quintiliano (séc. I d.C.), se não sinalizavam para uma crise na própria retórica enquanto atividade cultural, ao menos revelavam um esgotamento de suas abordagens de ensino na escola, porquanto reduzidas aos chamados exercícios declamatórios (*προγυμνάσματα/ declamationes*). Neste item, veremos como o crítica expressa por Sexto Empírico pode ser lida como um elemento dessa mesma crise de modelos educacionais, visto que, conforme nos alerta Pellegrin (2002, p. 13): “O propósito do *Contra os professores* não é (ou não é mais) expor os ataques cétricos contra a filosofia dogmática. Trata-se de criticar as disciplinas escolares (*mathêma*, no plural *mathêmata*)”.¹⁸

Com efeito, a crítica à instituição da retórica também se fazia sentir na tradição grega. No oriente helenofônico, o ensino de retórica, de igual modo, consistiu, durante certo tempo, na composição de discursos, que possibilitassem o desenvolvimento de habilidades de expressão oral. É o que vemos, por exemplo, em testemunho tão antigo quanto o que Platão nos oferece no *Fedro*, no qual o personagem que dá título ao

quam incredibiliter compositae! sequitur autem, ut materiae abhorrenti a veritate declamatio quoque adhibeatur.

¹⁷ Cf. “Tacitus and Quintilian, looking back from the late first century CE, cite the new importance attached to public declamation as the reason for the decline in Roman oratory and eloquence. Declamation (producing model speeches and exercises on a set theme) was not new, but in the empire, as opportunities for the free elite expression of political ideas decreased, its popularity vastly increased as an alternative vehicle for rhetoric in light of changing political circumstances”.

¹⁸ Cf. “Le propos du *Contra le professeurs* n’est pas, ou n’est plus, l’exposé des attaques sceptiques contre la philosophie dogmatique. Il s’agit maintenant de critiquer les “disciplines d’enseignement” (*mathêma*, au pluriel, *mathêmata*)”.

diálogo, ao se encontrar com Sócrates, vem de um encontro com Lísias e se mostra atribulado em repetir os textos memorizados de seu mestre, propondo-se a recitar um texto previamente escrito:

E, como se não bastasse, tomou o manuscrito, e ei-lo relendo as passagens que achava mais interessantes; finalmente, cansado de tamanho esforço e de estar sentado a manhã inteira, ei-lo que sai para dar o seu passeio, tendo já decorado (juro-o pelo Cão) o discurso de uma ponta a outra, caso não aconteça ser demasiado longo. E, se ia passear para fora das muralhas, era porque pretendia exercitar-se a recitá-lo! (Platão, *PhaEd*, 228a).

Essa prática declamatória e recitativa, que, de resto, é alvo de intensa crítica na obra de Platão, parece ter subsistido na tradição grega, de forma especial na identificação entre sofística e retórica. Filóstrato (séc. III), em sua doxografia dos sofistas ilustres (*Vitae Sophistarum*), oferece-nos um relato bastante claro dessa identificação, observando, em seguida, uma distinção entre a “antiga sofística”, fundada por *Górgias*, que ele sintetiza como “filosofia retórica” e que discutia de forma variada e aprofundada diferentes temas filosóficos, e a “segunda sofística”, formada por *rhetores* e que praticavam, basicamente, exercícios de declamação a partir de casos fictícios, de simulações (ὑπόθεσις):

Deve-se tomar a antiga sofística como uma “retórica filosófica”. Com efeito, ela discute sobre os temas que os filósofos discutem, sobre os quais, enquanto os filósofos se detêm e afirmam saber quase nada do que pesquisaram, o sofista antigo assevera conhecer. A antiga sofística, que se apropriava de temas filosóficos, abordava-os de forma variada e aprofundada, pois falava sobre a “coragem”, falava sobre a “justiça”, sobre os “heróis” e “deuses”, sobre como se concebeu o cosmo. Já aquela outra, que lhe segue, mas que não se deve dizer “nova” (pois é bastante antiga), mas deve-se chamar de “segunda sofística”, faz simulações de arquétipos de pobres, de ricos, de tiranos, de aristocratas, trazendo argumentos dos quais a história trata (Filóstrato, *Vit. Sophistarum*, I, 480, 1-5; 481, 11-20).¹⁹

¹⁹ Cf. Τὴν ἀρχαίαν σοφιστικὴν ῥητορικὴν ἠγεῖσθαι χρὴ φιλοσοφοῦσαν· διαλέγεται μὲν γὰρ ὑπὲρ ὧν οἱ φιλοσοφοῦντες, ἃ δὲ ἐκεῖνοι τὰς ἐρωτήσεις ὑποκαθήμενοι καὶ τὰ σμικρὰ τῶν ζητουμένων προβιβάζοντες οὕτω φασι γινώσκειν, ταῦτα ὁ παλαιὸς σοφιστὴς ὡς εἰδῶς λέγει. (...) Ἡ μὲν δὴ ἀρχαία σοφιστικὴ καὶ τὰ φιλοσοφούμενα ὑποτιθεμένη διήκει αὐτὰ ἀποτάδην καὶ ἐς μῆκος, διελέγεται μὲν γὰρ περὶ ἀνδρείας, διελέγεται δὲ περὶ δικαιοσύνης, ἡρώων τε πέρι καὶ θεῶν καὶ ὅλη ἀπεσχημάτισται ἡ ἰδέα τοῦ κόσμου. ἡ δὲ μετ' ἐκείνην, ἣν οὐχὶ νέαν, ἀρχαία γάρ, δευτέραν δὲ μᾶλλον προσρητέον, τοὺς πένητας ὑπετυπώσατο καὶ τοὺς πλουσίους καὶ τοὺς ἀριστέας καὶ τοὺς τυράννους καὶ τὰς ἐς ὄνομα ὑποθέσεις, ἐφ' ἃς ἡ ἱστορία ἄγει.

Na confluência entre aquela tradição de ensino – que já era questionada pelos próprios mestres de retórica – e a sua permanência na sofística grega – a qual, conforme nos informa Filóstrato, também resultou em certo “rebaixamento” da antiga sofística, por ele considerada “filosófica” – situa-se a crítica que Sexto Empírico oferece à retórica. Com efeito, se, por um lado, os *rhetores* denunciavam um esvaziamento de suas práticas, por outro, a apropriação de suas técnicas entre os sofistas não revelavam menor artificialismo de expediente, engendrando, portanto, a perspectiva de que a retórica, seja no âmbito da própria oratória, seja no âmbito da sofística, carecia do valor e da dignidade que outrora lhe caracterizava.

Nesse sentido, é coerente e significativa a contestação da retórica tal como se nos afigura na obra de Sexto Empírico, que lhe acusa de não se tratar de uma técnica útil para a vida (uma τέχνη), mas um mero artifício (κακοτεχνία), argumento atribuído aos filósofos da Academia e do Liceu, mas que parece dar o tom de toda a refutação da retórica que Sexto implementa ao longo da obra:

E, de fato, os colegas de Critolau, o peripatético, e os colegas de Platão, muito antes de o próprio Critolau ter considerado isso, condenaram a retórica como sendo fundamentalmente um artifício, mais do que uma arte (Sexto Empírico, *AM*, II, 12-13).

Dito isso, está pavimentado o caminho a se percorrer para a refutação da retórica enquanto arte, e que se pode sintetizar em dois pontos principais, já apresentados, brevemente, na introdução:

1) a retórica não possui um objeto ou uma finalidade de caráter estável, homogêneo e consistente: com efeito, não raro os oradores não são bem sucedidos na tarefa em que se empenham, ao passo que outros, sem instrução retórica, conseguem ser muito persuasivos, usando até de outros meios que não a palavra:

Tampouco, além disso, atinge seu fim na maioria das vezes, tendo em vista que todo retórico, quando suas próprias experiências são comparadas, acaba sendo mais vezes derrotado que vitorioso, porque o oponente constantemente refuta seus argumentos. A Retórica, portanto, não é uma arte. Do mesmo modo, é possível tornar-se retórico sem ter algum conhecimento da arte Retórica, então a Retórica não é uma arte (*AM*, II, 15-16).

2) a retórica não resulta em um produto útil (diferente de algumas outras τέχναι, como a medicina e a náutica). Aquilo que poderia ser tomado, propriamente, como o produto do ensinamento retórico, isto é, a “boa elocução” (καλή λέξις) ou o “bem dizer” (εὖ λέγειν), na verdade, são perversões do uso comum da linguagem (κοινή συνήθεια) e, não raro, concorrem para tornar o discurso obscuro e, até mesmo, menos persuasivo:

E, falando sucintamente, a Retórica não cria a boa elocução. Pois ela não nos ensina os artifícios para isso, tais como, por exemplo, que quem usa a boa elocução é, primeiramente, o que não perverte a linguagem comum [...]. Muito pelo contrário, já que os retóricos, desejando utilizar *sentenças periódicas* e *epífonemas*, assim como evitar a colisão de vogais e frases em *homoteleuto*, tornam-se eles mesmos incapazes de serem claros e, ao mesmo tempo, facilmente compreendidos (AM, II, 52, 57).

Desse modo, os pontos assinalados acima exprimem, de dois modos distintos, a absoluta inutilidade e ineficácia do ensino retórico. Seguindo sua argumentação, parece-nos claro que o papel de Sexto não é tanto (ou somente) o de ser o porta-voz do ceticismo pirrônico tardio, tomando a retórica (e as outras τέχναι) como objetos para um exercício do ceticismo filosófico. De fato, em vez de expor de forma desapassionada os argumentos contrários, incitando a dúvida e gerando a suspensão do juízo sobre eles, como se esperaria de um exercício cético, Sexto, ao contrário, manifesta claramente seu juízo negativo sobre a retórica, com grande vivacidade discursiva e agressividade de tom, condenando as opiniões consideradas falsas, sem qualquer espaço para dúvida. Se necessário, Sexto mobiliza até mesmo os argumentos dos acadêmicos para fazer convincente o seu ponto de vista.

Por essa razão, se analisado especificamente no âmbito do ceticismo, o *Contra os retóricos* (*Adv. math.*, II), de Sexto Empírico, pode-nos, até mesmo, trazer dúvidas quanto à sua coerência com os modelos céticos antigos, como nos adverte Desbordes (2007),²⁰ ou, como nos afirma Pellegrin (2002, p. 14), sua leitura pode, com efeito, nos conduzir a classificar Sexto Empírico como o exemplo de um “ceticismo fora de si

²⁰ Desbordes (2007, p. 191): “Os livros I-VI de *Aduersus mathematicos* de Sexto Empírico levam-nos a questionar sobre a coerência do ceticismo, ou, ao menos, sobre a coerência desse modelo de ceticismo que é Sexto. Essa série de críticas contra os gramáticos, rétores, geômetras, aritméticos, astrólogos e músicos contém, com efeito, um conjunto de características que não parecem “ortodoxas”. (Cf. “Les livres I-VI *Aduersus mathematicos* de Sextus Empiricus incitent à s’interroger sur la cohérence du scepticisme, ou du moins sur la cohérence de ce parangon du scepticisme qu’est Sextus. Cette série de critiques des grammairiens, rhéteurs, géomètres, arithméticiens, astrologues et musiciens, contient en effet nombre de traits qui ne semblent pas “orthodoxes”).

mesmo": "no *Contra os professores*, Sexto não está mais em terreno filosófico. De uma certa maneira, o Ceticismo aí está fora do seu lugar."²¹

Todavia, se avaliada no âmbito da crise da retórica no mundo greco-romano, não nos parece fora de propósito a crítica de Sexto à Retórica, ao acusá-la de não ser uma arte (οὐκ τέχνη ἐστὶν ῥητορικὴ): ao contrário, ao afastar-se da avaliação equilibrada dos argumentos contrários, que caracteriza a prática do ceticismo antigo, em prol de uma postura mais incisiva, Sexto se aproxima dos próprios mestres de retórica, para, paradoxalmente, atacar a sua arte.

Referências

Documentação primária impressa

- CICERO. *Tusculanae disputationes*. (M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Fasc. 43) T. Schiche (Ed.), 1915.
- PHILOSTRATVS. *Vitae sophistarum* (Flavii Philostrati opera, vol. 2). Kayser, C. L. (Ed.). Leipzig: Teubner, 1871 [1964].
- PLATÃO. *Fedro*. Tradução e notas de P. Gomes. 6. Ed. Lisboa: Guimarães, 2000.
- PLATO. *Convivium, Phaedrus*. Ed. M. Wolhrab & K. F. Hermann. (Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana). Leipzig: Teubner, 1914.
- QUINTILIANVS. *Institutio Oratoria* (M. Fabi Quintiliani Institutionis Oratoriae Libri Duodecim. Vols. 1–2) M. Winterbottom (Ed.). Oxford: Clarendon, 1970).
- SENECA, SENIOR. *Controversiae* (The Elder Seneca: Declamations in Two Volumes.) M. Winterbottom (Ed.). Oxford: Clarendon, 1974.
- SEXTO EMPÍRICO. *Contra os retóricos*. Tradução, apresentação e comentários de Rafael Hughenin e Rodrigo Pinto de Brito. São Paulo: Unesp, 2013.
- SEXTVS EMPIRICVS. *Contre les professeurs*. Introduction, glossaire et index par Pierre Pellegrin, traduction par C. Dalimier, D. et J. Delattre, B. Pérez. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- SUETONIUS TRANQUILLUS. *De grammaticis et rhetoribus*. (C. Suetoni Tranquilli praeter Caesarum Libros Reliquiae. Part 1). G. Brugnoli (Ed.). Roma: 1960.

²¹ Cf. "Dans le *Contre les professeurs*, Sextus n'est donc plus en terre philosophique. D'une certaine manière le scepticisme y est dehors de chez lui."

TACITVS. *Dialogus de Oratoribus* (Cornelii Taciti Opera Minora). H. Furneaux (Ed.). Oxford: Clarendon, 1939.

Obras de apoio

BRITO, R. P. Uma 'via média' interpretativa para o ceticismo sextiano e sua aplicação na análise de *Contra os retóricos*. *Sképsis*, ano VII, n. 11, 2014, p. 33-69. Disponível em: <<http://philosophicalskepticism.org/wp-content/uploads/2014/09/3-Brito-R.-Uma-via-media-interpretativa-para-o-ceticismo-sextiano.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

CONTE, G. B. *Latin Literature: a history*. London: John Hopkins, 1999.

DESBORDES, F. Sextus Empiricus: Aduersus mathematicos. In: _____. *Idées grecques et romaines sur le langage*. Travaux d'histoire et d'épistémologie. Paris: ENS, 2007, p. 191-206.

JANÁČEK, K. *Sextus Empiricus' sceptical methods*. (Acta Universitatis Carolinae). Praga: Universita Karlova, 1972.

LAW, V. Late Latin grammars in the Early Middle Ages: a typological history. In: *Historiographia Linguistica XIII: 2/3*. Amsterdam: John Benjamins, 1987, p. 365-380.

LIMA, L. C. C.; FREITAS, F. A. S. Sêneca, o velho e as *declamationes* no contexto do Império. *Cadernos do CNLF*, Vol. XVII, N. 07. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2013, p. 62-68. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/07/06.pdf>. Acesso em: 14 set. 2014.

MATES, B. *The Sceptic Way: Sextus Empiricus's Outlines of Pyrrhonism*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MYERS, K. S. *A Companion to Roman Empire*. Oxford: Blackwell, 2006.

PELLEGRIN, P. Le scepticisme hors de soi. In: SEXTVS EMPIRICVS. *Contre les professeurs*. Introduction, glossaire et index par Pierre Pellegrin, traduction par C. Dalimier, D. et J. Delattre, B. Pérez. Paris: Éditions du Seuil, 2002, p. 9-34.

REZENDE, A. M. *Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano*. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

SÁNCHEZ-OZTIZ, A. *et al. De Grecia a Roma y de Roma a Grecia: un camino de ida y vuelta*. Barañáin: Eunsa, 2007.

- VANDERSPOEL, J. Hellenistic rhetoric in theory and practice. In: WORTHINGTON, I. *Companion to Greek Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007, p. 124-139.
- VEYNE, P. *O império greco-romano*. Tradução de Marisa Motta. São Paulo: Elsevier, 2009.